

O CREPÚSCULO DOS *HÉLLENES*: UM CONCEITO EM CRISE NA ALEXANDRIA DO TARDO IMPÉRIO ROMANO

Profa. Dra. Fernanda Lemos de Lima – UERJ/Farol de Alexandria

*Tendo se tornado cristãos, os moradores do Olimpo
vivem aqui sossegados, pois, o cadinho não os
colocará no fogo, para produzir o dinheiro mantenedor¹.*

RESUMO: O conceito de helenismo, no contexto romano, já foi sinônimo de elevação intelectual, como se pode verificar, por exemplo, em escritos de Cícero. Entretanto, ao voltar-se o foco de percepção do termo que marca a identidade grega na fase tardia do período Clássico, percebe-se como tal conceito sofre uma transformação no seu significado e, por conseguinte, em seu valor positivo. Essa transformação traduz não apenas a revalorização do conceito de *hélmenes ándres*, mas, sobretudo, denuncia uma ligação entre o conceito em tela e os credos pagãos atacados por um cristianismo cada vez mais avalizado pelo estado romano e, conseqüentemente, mais agressivo e intolerante. Na presente investigação, procurar-se-á compreender o significado político, cultural e social dessa reavaliação do conceito de helenismo, tendo por foco principal o contexto da Alexandria do Egito na fase tardia do Império Romano.

Palavras-chave: *Hélmenes*; helenismo; cristianismo; tardo Império Romano

ABSTRACT: The concept of Hellenism through the Roman Empire was synonymous of intellectual, as shown, for example, in the writing of Cicero. However, by turning the focus of perception of the concept of Hellenism in the late Classical period, it is perceived as such term is transformed in its meaning and, therefore, in its positive value. This transformation not only reflects the revaluation of the concept of *Hellenes Andres*, but above all, betrays a link between the concept studied and the pagan beliefs attacked by Christianity increasingly endorsed by the Roman state, and therefore more aggressive and intolerant. The present study will seek to understand the political significance of cultural and social reevaluation of the concept of Hellenism, with the main focus on the context of Alexandria in Egypt during the late Roman Empire.

Key-words: *Hélmenes*; Helenism; Christianity; Late Roman Empire

O leitor inocente ou talvez pouco conhecedor da história do Império Romano do século IV talvez padeça de um estranhamento diante do epigrama de Paladas de Alexandria que figura como epígrafe da presente reflexão. Afinal, como assim os deuses olímpicos poderiam ter se tornado cristãos? Tal brincadeira poética pede uma resposta que possa oferecer necessariamente uma compreensão dos desdobramentos políticos, religiosos e culturais de um período histórico que testemunha o declínio do paganismo e a ascensão do cristianismo, especialmente no momento da imposição do credo cristão como a religião oficial do Império Romano.

O presente trabalho pretende investigar as consequências de mudanças extremamente profundas na estrutura do mundo antigo as quais levam à necessidade de se compreender como o conceito de definição étnica de *hélènes* – gregos – sofre uma reavaliação com a gradual ampliação do cristianismo. Do mesmo modo, procura-se entender como o helenismo – celebrado enquanto elemento de elevação cultural – assume um papel diferenciado, sobretudo, pela percepção dos cristianizados com o passar do tempo.

Essa investigação inscreve-se em uma pesquisa mais ampla de constituição de uma teoria da produção literária em tempos de crises, incertezas e mudanças, ligada, especialmente, à exegese da produção poética de Paladas de Alexandria. A compreensão da perda do valor do vocábulo *hélènes* seria mais um dado a ser marcado nos textos literários e que ajudaria a reforçar a construção de uma teoria sobre os universais de ruptura e crise nas literaturas que se produzem em situações epocais limites. A literatura desses períodos poderá trazer o que é postulado por Adorno como elemento de reação e afastamento da mônada literária: o desconforto, o incômodo. O seguinte fragmento de Adorno ilustra a abordagem: (...)mesmo a obra de arte mais sublime adota uma posição determinada em relação à realidade empírica, ao mesmo tempo que se subtrai ao seu sortilégio, não de uma vez por todas, mas sempre concretamente e de modo inconscientemente polêmico contra a sua situação a respeito do momento.ⁱⁱ

Desconforto, incômodo, tais elementos passam a ser marcas latentes de produções artísticas em contexto em crise – entendendo-se esse termo, seja na sua acepção grega, seja como postulado por Reinhardt Koselleck.

Nesse sentido, como apontado em outra publicação minhaⁱⁱⁱ, de acordo com Koselleck, “pelo que contém de prognóstico e diagnóstico, a expressão “crise” é um

indicador da nova consciência. [...] Toda crise escapa ao planejamento, ao controle racional sustentado pela fé no progresso.” É certo que o pensador da história busca as bases para a compreensão do estado de crise da modernidade, entretanto, ao trazer à baila tal ideia rousseauiana, ele ressalta o caráter cíclico dos eventos históricos, que é concebido pelo filósofo genebrino – postura que auxilia na corroboração de uma compreensão possível da “crise” na Antiguidade como “um ponto de virada, uma peripécia” não prevista e geradora do estarecimento^{iv}.

A literatura, objeto de especial interesse na pesquisa, conduz à investigação sobre essa crise do mundo pagão e ao crepúsculo da identidade helênica naquele específico momento histórico, em que se tem a ascensão de uma identidade românica, ligada necessariamente à constituição do Império que passaremos a chamar de Bizantino e cujo credo será cristão.

Werner Jaeger, célebre autor da *Paidéia*, oferece uma reflexão sobre as mudanças culturais a partir da ascensão do cristianismo em seu livro *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. A partir de uma série de considerações e observações a respeito da interação entre filosofia, educação e religião, Jaeger aponta como a cultura cristã acaba por se apresentar como “*paidéia* de Cristo” e, portanto, uma espécie de herdeira da tradição filosófico-religiosa grega em um outro momento de transformação política e cultural. Na primeira parte de seu estudo, Jaeger afirma, a respeito da atitude do registrada no apócrifo *Atos de Filipe*:

Ao chamar a cristandade a *paidéia* de Cristo, o imitador indica a intenção do apóstolo de fazer a cristandade apresentar-se como uma continuação da *paidéia* grega clássica, a qual seria aceitável para aqueles que possuem a antiga lógica. Ao mesmo tempo, ele apontava que a *paidéia* clássica estava sendo superada ao fazer de Cristo centro de uma nova cultura. A antiga *Paidéia*, então, torna-se seu instrumento.^v

Ao compreender-se como muito do pensamento filosófico de Platão e de seus sucessores ou dos estoicos foi aproveitada pelo cristianismo, bem como o meio de veiculação da doutrina cristã – através da retórica nos moldes da segunda sofística, por exemplo –, fica evidente uma apropriação de princípios do helenismo em favor desse novo cenário.

Curioso, entretanto, é pensar que, se há o aproveitamento daquilo que pode ser útil na erudição do helenismo, há elementos a serem reprovados e rechaçados pelo cristianismo em processo de afirmação, como se verificará mais a diante.

Entretanto, antes de percorrer a mudança do conceito de *hélènes* com o advento do cristianismo, é fundamental compreender como, ao longo do período imperial romano, a identidade grega se manifestava.

Paul Veyne aponta um dado relevante: o fato de as comunidades helênicas não se reconhecerem exatamente como parte do império romano, portanto, não se perceberem como romanos, mas como gregos dentro de um mundo dominado por Roma. Com a constituição de Constantinopla, fundada em 11 de maio de 330^{vi}, e a reestruturação do mundo romano, essa compreensão mudará radicalmente e, sobretudo, o auto reconhecimento dessa população helênica habitante da parte oriental do império romano. Tal mudança se assenta em uma transição do centro do poder imperial e, ao mesmo tempo, na afirmação de uma identidade ligada à nova cidade forte: Constantinopla. Entretanto, tal identidade guarda um outro diferencial inalienável, a questão de uma identidade em que o político está imiscuído do religioso, em que ser romano significa, sobretudo, ser cristão.

Para uma melhor compreensão do processo, é preciso perceber a força do conceito *hélènes* – gregos – enquanto denominação não apenas de uma origem, mas de uma ligação cultural e política (no sentido da *pólis*) inalienável, que pode ser entendido mesmo como um “patriotismo grego”^{vii}. Em *O império greco-romano*, Veyne afirma:

A identidade helênica, a de “todos os gregos” (palavras que se leem com frequência e que enchem a boca), fragmentava-se em estreitos patriotismos(...). A identidade grega era mais complicada do que a nossa. Uma identidade define-se pela relação com suas referências, diz-me a africanista Valérie Sandoz, e estas existiam em profusão. Um grego (ou mesmo um egípcio helenizado) é o patriota de sua cidade (ou de sua metrópole). É por pertencer à cidade que ele, como ela, é submisso e fiel ao império, ou melhor, ao “poder dos romanos”. Nem por isso nosso grego deixa de conservar sua identidade grega e, se recebe a cidadania romana e veste a toga, continua sendo o patriota de sua pequena pátria e cidadão romano de raça grega.

Percebe-se, pela reflexão de Veyne, uma marca da permanência de uma consciência étnica grega, a despeito de qualquer adoção dos usos do conquistador romano. Evidentemente, prefere-se a dominação romana à ameaça bárbara^{viii} e esse temor mantém as populações gregas mais acomodadas ao mando imperial. Entretanto, não se reconhece Roma como o centro do mundo, mas como a cidade que guarda aquele que centraliza o poder do mundo: o imperador.

Em relação à questão de uma identidade coletiva helênica no âmbito do império romano, o romance *Leucipa e Clitofonte*, de Aquiles Tátios, autor que produziu entre os séculos II e III, demonstra essa percepção. Se, por um lado, uma personagem de nome Menelau afirma ser egípcio, há uma interação com as personagens principais pela identidade de uma coletividade geral helênica marcada pela língua. Em uma cena, percebemos o desespero da personagem Clitofonte:

Agora, entregaram-nos nas mãos de ladrões egípcios, e assim não temos a sorte de implorar. A (minha) fala pode se comunicar com um ladrão grego (...) mas agora com que fala suplicar?^{ix}

Fica claro que a grande preocupação se dá pela possibilidade de compreensão. A língua comum, o grego, marca a ligação entre os indivíduos que fazem parte dessa comunidade geral helênica. Ao se deparar com ladrões de outra comunidade há o desespero pelo estranhamento. Entretanto, veremos, no desenrolar do texto romanescos, como esse estranhamento é desfeito, uma vez que há uma familiaridade entre os “ladrões egípcios” e o amigo de Clitofonte, Menelau, participante das duas comunidades por ser egípcio e partilhar do helenismo^x.

Para situar melhor a reflexão aqui proposta, é preciso marcar algumas datas relevantes para a compreensão do processo de cristianização oficial do império romano, percorrendo, para tanto, os editos imperiais que cerceavam as práticas pagãs, bem como a data da fundação de Constantinopla – a capital do futuro império bizantino.

A passagem entre a Antiguidade Clássica e o período Bizantino é marcada, entre outros fatos, pela fundação de Constantinopla em 330 e, mais tarde, pela efetiva bipartição do Império Romano em Oriental e Ocidental, no VI século^{xi}. O ano de 395 assistiu à decisão de Teodósio em repartir o império entre seus dois herdeiros^{xii}.

Em tal período aflora a ruptura entre a cultura pagã, de relativa liberdade de pensamento filosófico e de cultos religiosos, e a cultura cristã, apoiada pelo édito de Teodósio^{xiii}, indicando a religião cristã como aquela a ser seguida pelos súditos do império romano e, ao mesmo tempo, restringindo as atividades pagãs e heréticas e propondo multas para aqueles que ousassem manifestar em grupo ou publicamente outra fé que não a cristã^{xiv}. Tal situação levou a um crescimento da ação violenta de monges cristãos contra os cultos pagãos, atingindo seus templos e seus sacerdotes^{xv}, processo que marcará a cidade de Alexandria – antes, palco de liberdade e de encontros para o pensamento filosófico-religioso, agora, cenário de violência contra populações

não cristãos e contra sábios pagãos, como o caso do assassinato de Hipácia de Alexandria, no século IV.

A morte da pensadora neo-platônica coincide com o fechamento do Museu, templo de adoração às Musas através do cultivo dos saberes e das artes. A morte de Hipácia, por obra de uma orda cristã comandada por Amônio, um monge, simboliza o fim do pensamento filosófico livre que perdurou em Alexandria até aquele momento: a brutalidade com que Hipácia é morta – viva ainda, tem suas carnes arrancadas com conchas – traduz a violência contra uma voz dissonante em relação àquilo que passa a ser pregado pela religião oficial. Os filósofos que não se tornam cristãos deixam de poder ensinar, são silenciados como vozes inimigas do cristianismo. Àquele que não aceita o silêncio, especialmente sendo mulher, como é o caso de Hipácia, é ofertado a morte. Assim, a identidade helênica – portadora de todos os elementos da cultura pagã agora rechaçada – precisa ser silenciada.

O cenário apresentado leva à compreensão mais aguda de outro epigrama, o de número 82 do livro X da *Antologia Grega*, de Paladas de Alexandria, também habitante desse mundo em crise e personagem de um cenário alexandrino e helênico a ponto de ruir:

Com efeito, não estaríamos mortos, ao parecer que vivemos apenas,
homens gregos, vencidos pelas circunstâncias,
presumindo-se ser a vida um sonho?
Ou vivemos nós tendo a vida morrido?^{xvi}

Ao observar o epigrama, nota-se o vocativo *hélleues ándres* – homens gregos –, fundamental para que se possa compreender a reação ao momento histórico, em que os antigos helenos migram para uma outra identidade, passando a se autodenominar *romaios* ou *romioi*. O termo *hélleues* tem uma longa trajetória, uma vez que, na *Ilíada*, referia-se a uma tribo Tessália participante da guerra de Tróia, sob o comando de Agamêmnon. Apresenta ainda, com o passar do tempo, o significado de “gregos”, mas, durante o período helenístico, para alguns, teria servido para indicar os não-egípcios, os não-judeus (gentios). E, como vimos, pelo texto de Tátios, marca essa convivência da ampla comunidade grega, que pode ser heleno-egípcia – caso da personagem Menelau no romance. Com a ascensão do cristianismo, o termo passa a ter a conotação de pagão^{xvii}.

Tendo em mente tal significação, entende-se, ao rememorarmos o édito de Teodósio, a mudança na autodenominação daqueles que habitam o império romano e

eram originários de uma cultura helênica. Inertes, os homens gregos, semelhantes a mortos, perdem-se na vida sem sentido.

Inertes estarão os homens e rendidos aos tempos estarão os deuses do helenismo. Retomando o epigrama 528 do livro IX da *Antologia Grega*, que figura como epígrafe de abertura do presente trabalho, compreende-se a brincadeira com os deuses olímpicos:

(Para Marina)

Tendo se tornado cristãos, os moradores do Olimpo
vivem aqui sossegados, pois, o cadinho não os
colocará no fogo, para produzir o dinheiro mantenedor.

Agora sujeitos aos tempos, os deuses passam a ser estátuas de decoração em casas de cristãos. De acordo com Garsey e Cameron^{xviii}, Marina, a quem seria dedicado o epigrama, seria uma matrona cristã que salvou várias peças de estatuária pagã por entender eram objetos de arte e não mais de adoração. Converteram-se, assim, as estátuas de representações religiosas e, objetos estéticos, salvando-as do destino de serem derretidas e transformadas em moedas, especialmente a partir da perseguição imposta pelos Augustos^{xix}.

O édito de Teodósio, assinado pelos Augustos ou os três governantes que do período – Graciano, Valentiniano e o próprio Teodósio –, determinaram o cristianismo como credo de todo o império romano. Tal imposição veio seguida de proibições, como já foi dito, para as práticas pagãs, uma vez que todos os templos pagãos foram fechados.

O silêncio foi imposto a uma das bases da cultura helênica: a religião de muitos deuses e de inúmeras interpretações filosóficas. Evidentemente, tal silêncio acabou atingindo a manifestação do pensamento, como se viu no caso de Hipácia. Mas um grande marco da limitação ao pensamento está no arbitrário fechamento da academia platônica, que teve vida até 529, quando suas atividades foram encerradas a mando de imperador Justiniano.

Entretanto, se o termo *hélènes* não mais expressava aquela coletividade, agora cristianizada e romana, as marcas de sua cultura permaneceram em muitos aspectos daquele mundo cristão, seja na filosofia, na maneira de se produzir retórica, na *paideía* como um todo, cristianizada, sem dúvida, mas ainda assim helênica.

-
- ⁱ Minha tradução do texto de Paladas de Alexandria (Para Marina). Todas as traduções que figurarem no presente trabalho serão de minha autoria.
- ⁱⁱ ADORNO. Teoria estética, p. 17-18.
- ⁱⁱⁱ Cf. LIMA, Fernanda Lemos de. Da gota suja ao fruto rubro de carne agonizante: a humana falência nas obras de Paladas de Alexandria e Augusto dos Anjos. In: SANTOS. Ana Cristina Fonseca dos, BARBOSA, Thereza Virgínia Ribeiro. *Tradução e tradição clássica na América Latina*. Belo Horizonte: FALE, 2011, v. 1, p. 56.
- ^{iv} Ver KOSELLECK. Crítica e crise, p. 139.
- ^v Cf. JAEGER, Werner. *Early Christianity and Greek Paideia*. Cambridge (Massachusetts)/Londres. The Belknap Press of Harvard University Press, 1985, p. 12, minha tradução.
- ^{vi} Cf. NORWICH, John Julius. *A Short History of Byzantium*. Londres/Nova Iorque: Penguin Books, 1998, p. 3.
- ^{vii} Cf. VEYNE, Paul. O império greco-romano, p. 115.
- ^{viii} Idem, p. 115-116.
- ^{ix} AQUILES TÁTIOS. *Leucipa e Clitofonte*. Trecho traduzido por mim, no livro *Sob a efígie de Serápis: Alexandria do Egito e a Expressão Grega de uma Multiculturalidade em África*. Rio de Janeiro: Horus Educacional, 2009.
- ^x Em outro livro, discuto mais detalhadamente a questão. Cf. LIMA, Fernanda Lemos de. *Sob a efígie de Serápis: Alexandria do Egito e a Expressão Grega de uma Multiculturalidade em África*. Rio de Janeiro: Horus Educacional, 2009.
- ^{xi} Cf. PAES, José Paulo. “Paladas e a tradição do epigrama”. In: *Paladas de Alexandria – epigramas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p. 13.
- ^{xii} Idem, p.124.
- ^{xiii} O édito de Teodósio se opõe frontalmente ao édito de Constantino e Licínio - édito de Milão (313 a.C), que estabelecia a tolerância religiosa no império, com o reconhecimento do cristianismo e a liberdade para sua prática.
- ^{xiv} Cf. SILVA, Clemildo Anacleto da. “O Testemunho Histórico da Intolerância nos documentos relacionados aos Direitos Humanos”. In: *Protestantismo em revista*, vol. 12, ano 6, no. 1, jan-abr. 2007. - <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/012/12clemildo.htm>. Acesso em 28/05/2011.
- ^{xv} Cf. PAES, *opus cit.*, p. 14.
- BOWRA, Cecil W. *História de la Literatura Griega*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999, p.194.
- ^{xvi} Minha tradução.
- ^{xvii} Cf. LIDDELL, Henry George, SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexikon*. Oxford: Claredon Press, 1996, p. 536.
- ^{xviii} GARNSEY, A. E CAMERON, P. *The Cambridge ancient history: The late empire, A.D. 337-425*. Cambridge: CUP, 1998, p.650.
- ^{xix} Augustos ou os três governantes que assinaram o édito de Teodósio – Graciano, Valentiniano e o próprio Teodósio –, determinando o cristianismo como credo de todo o império romano.

Referências Bibliográficas:

- 1- ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- 2- GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. *The Cambridge Ancient History: the Late Empire*. Cambridge: Cambridge University, 1998. p. 337-425.
- 3- JAEGER, Werner. *Early Christianity and Greek Paideia*. Cambridge (Massachusetts)/Londres. The Belknap Press of Harvard University Press, 1985.
- 4- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: EDUERJ e Contraponto, 1999.
- 5- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexikon*. Oxford: Claredon Press, 1996.
- 6- LIMA, Fernanda Lemos de. Da gota suja ao fruto rubro de carne agonizante: a humana falência nas obras de Paladas de Alexandria e Augusto dos Anjos. In: SANTOS. Ana Cristina Fonseca dos, BARBOSA, Thereza Virgínia Ribeiro. *Tradução e tradição clássica na América Latina*. Belo Horizonte: FALE, 2011, v. 1.

-
- 7- LIMA, Fernanda Lemos de. *Sob a efígie de Serápis: Alexandria do Egito e a Expressão Grega de uma Multiculturalidade em África*. Rio de Janeiro: Horus Educacional, 2009.
 - 8- PAES, José Paulo. “Paladas e a tradição do epigrama”. In: *Paladas de Alexandria – epigramas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993
 - 9- PATON, W. R. *The Greek Anthology*. Londres/Nova Iorque, Heinemann/Putnam’s sons, 1953, vols. 1-5.
 - 10- SILVA, Clemildo Anacleto da. “O Testemunho Histórico da Intolerância nos documentos relacionados aos Direitos Humanos”. In: *Protestantismo em revista*, vol. 12, ano 6, no. 1, jan-abr. 2007. - <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/012/12clemildo.htm>. Acesso em [28/05/2011](#).